

O RISÍVEL EM CHEQUE NA CHARGE SOB A PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA PEIRCIANA

The comics laughter put on check under the perspective of peircean semiotics

Luciana Coutinho Pagliarini de Souza¹
Maria Ogécia Drigo²

RESUMO

O propósito deste artigo é explorar os efeitos provocados por charges que subvertem sua natureza sgnica ao amenizar o efeito choque. A concepção do riso de Bergson e o poder dessacralizante e paródico da charge, segundo Bakhtin, compõem a fundamentação teórica e permeiam as análises que se valem de teorias peircianas, principalmente a teoria dos interpretantes, as categorias fenomenológicas e a relação entre estética, ética e semiótica ou lógica. Consideramos que as charges analisadas, que provocam efeitos emocionais em detrimento do riso, contribuem para a aquisição de hábitos de sentimento e, gradativamente, podem construir um pensamento crítico.

Palavras-chave: Charge. Riso. Semiótica peirciana.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to explore the effects caused by comics that subvert its sign nature while softening the shock effect. The Bergson concept of laughter and the parodic and unsacred power of the comics, by Bakhtin, compose the theoretical fundamentals and permeate the analysis that makes use of the Peircean theories, mainly the theory of the interpretants, the phenomenological categories and the relationship between aesthetics, ethics and semiotics or logic. We consider that the analyzed comics, that provoke emotional effects in detriment of the laughter, contribute to the acquisition of feeling habits, and gradually, can construct a critical thought.

Key words: Comics. Laughther. Peircean semiotics.

¹ Mestre e doutora em Comunicação e semiótica pela PUC/SP, pós-doutora com estágio na Universidade de Kassel - Alemanha. Professora titular do PPG Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba – UNISO. lupagliarini60@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1995-8791>.

² Mestre e doutora em Comunicação e semiótica pela PUC/SP, pós-doutora com estágio na Universidade de Kassel - Alemanha. Professora titular do PPG Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba – UNISO. maria.ogecia@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5123-0610>.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo polemiza a charge. Tradicionalmente considerada como uma manifestação cultural, cuja natureza sógnica é marcada pelo conflito, pela latência de forças que se digladiam, apresentamos aqui uma modalidade de charge que ameniza o efeito choque. Assim, com o propósito de explicitar o que fundamenta a subversão da natureza sógnica nela encarnada, bem como averiguar o tipo de riso que lhe é decorrente, tomamos como objeto empírico charges que envolvem a guerra na Síria.

A fim de alcançar os objetivos mencionados, tomamos a charge tradicional como parâmetro e ponto de partida para, então, examinarmos como se efetiva o desvio na modalidade sob foco, o que desencadeará um tratamento comparativo. Para tanto, seu caráter de signo/linguagem abarca os aspectos os quais pensamos dar conta do nosso propósito: primeiro, uma abordagem, à luz de Peirce, da classificação do signo, sobretudo no tocante ao interpretante, que traz à tona os prováveis sentidos que o signo/charge pode provocar numa mente; segundo, da inscrição da charge nas categorias fenomenológicas e de como as duas modalidades analisadas se comportam nessas instâncias; terceiro, uma breve abordagem da relação estética/ética/semiótica ou lógica.

Ainda na esteira da abordagem da charge como signo/linguagem, vale-mo-nos de Bakhtin e Volochínov (2006), que atestam o caráter ideológico do signo que “reflete e refrata o real”. Para legitimar tal propriedade, lançamos mão de outros conceitos de Bakhtin (1999), tais como o dialogismo, via paródia e carnavalização. Com Bergson (2001), trazemos à baila o sarcasmo do humor que pretende corrigir e que tem a insensibilidade como tônica e garantia do riso.

A fim de balizarmos essa abordagem, procuramos verificar o estado da arte. Com o descritor charge, em busca realizada em setembro de 2018, no catálogo de dissertações e teses da CAPES, encontramos 348 resultados para a área de Ciências Sociais Aplicadas. Com os termos charge, riso ou humor, no título, na subárea da Comunicação, encontramos 35 resultados e, entre esses, descrevemos, em linhas gerais, quatro deles, do período de 2015 a 2017.

Teixeira (2016), em *Nas entrelinhas da Charge: impressões das experiências imaginárias na obra de Henfil (1964-1985)*, analisa charges de Henfil, como indica o título, no contexto temporal da ditadura militar. Considerando-se o fenômeno da charge neste contexto do imaginário social, histórico e jornalístico, fundamentando-se, principalmente, em Maffesoli e Backo. O autor busca revelar momentos de tensões entre o individual e o coletivo, ou mesmo entre o sujeito e sua tensão em relação a toda conjuntura social do período mencionado.

Amaro (2015), em dissertação sob o título *Jogo do humor na busca da democracia: as charges de Ralfo no período do governo Figueiredo (1979-1985)*, trata do humor e do lúdico, e analisa charges de Ralfo Furtado, do período mencionado, com o propósito de verificar o que havia de peculiar na forma como se apropriava da linguagem da charge para expressar sua visão dos acontecimentos.

Barros (2015), em dissertação intitulada *Uma narrativa midiaticizada do cotidiano: as charges de política internacional de Angeli (2001-2012)*, vale-se do conceito de narrativa proposto por Luiz Gonzaga Motta; midiaticização da sociedade, a partir da discussão de José Luiz Braga; a teoria de mediações culturais de Jesús Martín-Barbero; os estudos de cotidiano de Michel de Certeau; e o entendimento de cultura, fundamentado nos Estudos Culturais, para tratar da charge como narrativa absurda de um momento histórico, para assim, inseri-la enquanto monumento historiográfico do cotidiano. Enfatiza a autora que a charge requer uma visão crítica, que observa não só a forma como o conteúdo.

Messias (2017), em *O agronegócio como política agrária nos governos Lula e Dilma nas charges de Carlos Latuff*, vale-se de análise do discurso para revelar as contradições de governos que se reivindicavam populares, mas que promoveram a consolidação do agronegócio como política agrária no Brasil.

Nenhum dos trabalhos descritos apresenta reflexões sobre o foco recortado da charge proposto neste artigo. Da mesma forma, a semiótica peirciana não é contemplada. Considerados estes fatores, acreditamos serem relevantes as propostas que, de um lado, trazem a charge rompendo a natureza que a constitui como gênero; de outro, as categorias peircianas que, ao possibilitarem a apreensão dos fenômenos na penetração das camadas de sentido, levam à produção de interpretantes que dão conta dessa ruptura.

Começamos pela charge tradicional, sua natureza sgnica e o riso que dela advém para, então, empreendermos a análise comparativa proposta.

2 APORTES DA CHARGE TRADICIONAL E O RISO QUE ADVÉM DO CHOQUE

Na perspectiva da semiótica peirciana, a charge é um signo, pois “representa’ algo para a ideia que provoca ou modifica. O ‘representado’ é o seu objeto; o comunicado, a **significação**, a ideia que provoca, o seu **interpretante**” (PEIRCE, CP 1.339, grifo nosso).

A charge, nesse sentido, tenta abarcar aspectos do universo sociopolítico, um objeto. Aqueles que se materializam no signo – via formas, dimensões, direções, cores, etc. – constitui o objeto imediato, ou seja, o recorte que o signo faz de um contexto sociopolítico – objeto dinâmico – e a maneira como ele o faz constitui o objeto imediato. Por representar o objeto, a charge aciona o interpretante ou efeito que ela, enquanto signo, provoca em uma mente que pode ser da ordem do emocional, da ação/reação, do raciocínio lógico.

A classificação dos interpretantes apoia-se na fenomenologia e suas três categorias: a primeiridade, a secundidade e a terceiridade. A primeiridade corresponde à espontaneidade, à originalidade, à possibilidade. Qualidades, sentimentos, emoções inscrevem-se nesse território do sensível. A secundidade corresponde ao universo reativo, ao aqui e agora, à existência cotidiana.

O fato bruto, o choque que provoca ação e reação, é a marca dessa categoria. A terceiridade, finalmente, está para o pensamento racional e autocontrolado. Convenção, arbitrariedade, generalidade são palavras-chave.

Sobre a fenomenologia, Drigo e Souza (2013) lembram que, sendo uma quase-ciência, as categorias que dela despontam não podem ser postas à prova, apenas confirmadas pelas observações pessoais. Peirce avisa sobre a necessidade de se construir um olhar especial para apreender os fenômenos que nos apresentam. Em suas palavras (PEIRCE, CP 5.41):

Fique entendido, então, que o que temos a fazer, como estudantes de fenomenologia, é simplesmente abrir nossos olhos mentais, olhar bem para o fenômeno e dizer quais são as características que nele nunca estão ausentes, seja este fenômeno algo que a experiência externa força sobre nossa atenção, ou seja o mais selvagem dos sonhos ou a mais abstrata e geral das conclusões da ciência.

Assim, o método adequado ao fenomenólogo parece ser o constituído pela coleta de elementos com incidência notável nos fenômenos, seguido da generalização dessas características. Na aplicação desse método, é imprescindível o desenvolvimento de três faculdades: ver, atentar para e generalizar.

As três categorias podem se atualizar com a charge. A primeiridade, via interpretante emocional, como efeito de qualidades ou atributos que lhe são característicos – traços, formas, dimensão, peso, direção... – inscritos na sua concreção; a secundidade, por meio do interpretante energético, provocado pelos aspectos existenciais, que criam naturalmente relações conflitantes; a terceiridade, via interpretante lógico, por intermédio das reflexões que advêm da síntese entre os aspectos qualitativos e existentes investidos de convenções culturais. Contudo, é o papel de representar uma realidade tecida por conflitos que faz com que a charge mantenha o intérprete em secundidade. O interpretante também participe da secundidade, que tende a prevalecer, é o interpretante dinâmico energético. Ao produzir um efeito numa mente interpretadora, por estar intimamente relacionado ao fato – um existente do aqui-agora – o interpretante exige ação-reação que, no caso, é o riso, devido ao tratamento dado a esse fragmento do real que a charge incorpora.

E como é o riso decorrente desse processo? Voltemo-nos para a charge tradicional. Considerando-se o modo como a charge representa o universo sociopolítico, é na esteira do pensamento de Bergson (2001), quando ressalta a insensibilidade como marca inerente do humor, mas, sobretudo, nos estudos de Bakhtin (1999, 2006) sobre o poder dessacralizante e paródico produtor do riso, bem como do caráter ideológico inscrito na sua concepção de signo, que nos fundamentamos.

Para Bergson (2001), o riso é resultado de uma visão mecânica da vida. “O que há de risível [...] é certa rigidez mecânica quando seria de se esperar a maleabilidade atenta e a flexibilidade vívida de uma pessoa” (BERGSON,

2001, p. 8). São três os processos de criação da comicidade por meio da mecanização da vida: repetição, inversão e interferência de séries.

De modo geral, no primeiro processo, onde haja repetição ou semelhança, pressentimos o mecânico funcionando por trás do vivo. Já a inversão se estabelece quando há uma mudança inusitada de papéis ou quando o imprevisível acontece. O processo de interferência das séries se caracteriza como uma confusão de situações que se tornam cômicas. “Uma situação será sempre cômica quando pertencer ao mesmo tempo a duas séries de fatos absolutamente independentes, e que possa ser interpretada simultaneamente em dois sentidos inteiramente diversos” (BERGSON, 2001, p. 47-48). No campo linguístico também é possível essa duplicidade de sentidos, por meio de palavras ou frases ambíguas.

Conforme Bergson (2001), a tarefa do riso como fenômeno social consiste em corrigir as falhas humanas daqueles que estão à margem das exigências sociais, ou seja, daqueles que não se adaptam às regras de convivência. O riso passa a ter, dessa forma, caráter educativo e até mesmo repressor, o que contraria a concepção de Bakhtin. Ao contrário de ser subserviente à normatização, à regulamentação da vida das pessoas, o riso em Bakhtin é libertador. Bakhtin postula que o riso é uma das formas privilegiadas pelas quais se exprime a verdade sobre o homem, sobre a história, assumindo “um profundo valor de concepção do mundo” (BAKHTIN, 1999, p. 57).

Para refletirmos sobre o riso a partir desses teóricos e ilustrarmos o potencial significativo da charge tradicional, detentora da linguagem do choque – secundidade –, trazemos à baila a temática da imigração, pela atualidade e pela repercussão que tem provocado no cenário mundial. Vejamos a análise de três charges.

3 AS CHARGES TRADICIONAIS SOB FOCO

Ao ser identificada como charge, por um intérprete particular, na perspectiva peirciana, enfatizamos que a seara da terceiridade predomina, isto porque as convenções, as regras compartilhadas culturalmente, relativas aos modos de produção e de apresentação dessa modalidade de representação visual predominam. Mas a experiência colateral do intérprete, que pode incorporar aspectos do objeto dinâmico desse signo, bem como os detalhes deformadores da representação visual – pistas insistentes e que conectam o intérprete ao real – pode incitar o interesse pela intelegibilidade.

Dessa forma, a terceiridade que acopla a secundidade dá espaço a esta última categoria que é inerente ao olhar observacional, o que coleta pistas, índices, de fato. Conforme Drigo e Souza (2013), o índice leva-nos ao objeto, mas não há gentileza nesse ato, há sim uma força que impele, aponta, impulsiona. O índice, “como um dedo apontando, exerce sobre a atenção uma força fisiológica real, como o poder de um magnetizador, dirigindo-a para

um objeto particular dos sentidos” (PEIRCE, CP 8.41), está, assim, entranhado em nosso sistema sensorial – sistema nervoso – cujos estímulos são dependentes do meio. Nas palavras de Peirce (CP 2.305), o índice:

[...] se refere a seu objeto não tanto em virtude de uma similaridade ou analogia qualquer com ele, nem pelo fato de estar associado a caracteres gerais que esse objeto acontece ter, mas sim por estar numa conexão dinâmica (espacial inclusive) tanto com o objeto individual, por um lado, quanto, por outro lado, com os sentidos ou a memória da pessoa a quem serve de signo.

Vejamos os índices proeminentes na charge (Fig. 1). O nome do continente em letras maiúsculas sobreposto ao mapa; uma anciã com aspecto de bruxa, personificando a União Europeia; uma família que, ao portar uma mala, atesta estar em processo de migração. O pé que, conforme Chevalier e Gheerbrant (2008, p. 695), pode expressar a “noção de poder”, foi usado para manter os imigrantes longe da Europa.

O pensamento generalizante e o observacional estabelecem um jogo – terceiridade/secundidade. O emergir da charge como figura, como um todo que suscita reação, faz brotar o riso. A União Europeia, paradoxalmente metamorfoseada na mãe/protetora e na bruxa, chuta uma família que busca abrigo. Diante da cena, perguntamo-nos: o que faz com que o riso irrompa?

Figura 1 – A “afável” recepção aos imigrantes

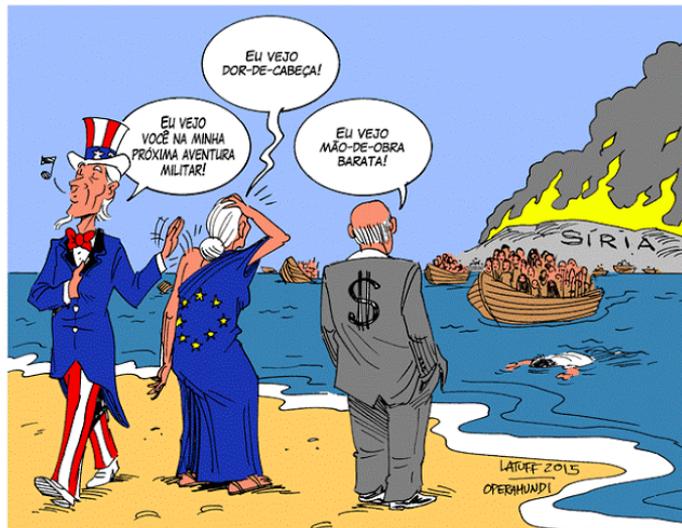


Fonte: Fórmula Geo (2012).

Quem sabe a atitude materna esteja mais para uma fêmea na busca de proteger seu ninho com suas garras, do que da postura humanizadora que é estereótipo materno. Essa ruptura remete à inversão proposta por Bergson (2001), materializada nesta charge pela quebra do papel “acolhedor” que caracteriza uma mãe, ainda que não apresente a intenção educativa preconizada pelo mesmo teórico.

Outra charge (Fig. 2), novamente faz com que o olhar observador prepondera e colete pistas, para, em seguida, lançar mão do olhar generalizante, capaz de apanhar simbolismos que as impregnam. O nome Síria – sobre um território em chamas, barcos apinhados de imigrantes, um corpo boiando nas águas e os representantes de diferentes nações. A charge traz a mescla de vozes na reação de três nações representadas simbolicamente – o americano tio Sam, que “abandona” o cenário, negando acolhimento às vítimas da guerra na Síria; a figura que personifica a União Europeia (ou a primeira ministra alemã) antevê o que o acolhimento pode representar para sua liderança e o contraponto a ambas as reações personificada por um líder, talvez chinês, que vê a imigração como certeza de mão de obra barata. Essa polifonia, que nasce do cruzamento de discursos antagônicos, recupera a carnavalização bakhtiniana e faz emergir o riso.

Figura 2 – A colhida “polifônica”



Fonte: Página Global (2015).

Na charge (Fig. 3), as pistas são dadas pela presença na cena: do “amigo da onça”, de um cartaz de tiro ao alvo, da expressão “Seja bem-vindo”, do abraço, do termo “Imigração”, das cores preto e branco, que predominam na charge. Vale lembrar que, segundo Drigo e Souza (2013), enquanto inscritos no universo da secundidade, os índices trazem em si qualidades inerentes ao ícone, mas não é esse traço o que faz com que ele funcione como signo.

Novamente, os índices demandam um olhar observacional, seara da secundidade, que dá o tom assim que o intérprete reconhece a representação visual como uma charge. Após buscar os simbolismos que elas carregam, a figura eclode como um todo e pode provocar, como efeito, ou como reação, o riso.

Figura 3 – Recepção do “amigo da onça”



Fonte: Portal Vale (2015).

Primeiro, a imagem inequívoca de um abraço nada amigável no qual o que recebe coloca nas costas do “outro” um cartaz de tiro ao alvo – além de roubar-lhe a carteira – revela atitudes que contrastam com a legenda “Seja bem-vindo!!!”. A legenda, “Imigração”, introduz o caráter político e torna o gesto do “anfitrião” ainda mais desprezível. Sua fisionomia tem traços que remetem à figura do malandro protagonizada nos anos 40 e 50, no Brasil, pelo Amigo da Onça. Criado pelo cartunista Péricles de Andrade Maranhão, esse personagem popularizou-se por representar um “amigo” às avessas: um indivíduo que atrai as amizades, mas é falso, hipócrita e infiel, alguém em quem não se pode confiar. Essa maneira de ser cunhou a expressão “amigo da onça”, que tem o anfitrião como perfeito exemplar. A charge (Fig. 3), por vir em preto e branco, lembrando o desenho à mão, mostra um exercício de metalinguagem ao sugerir aspectos do processo de produção das charges do período que consagrou o chargista brasileiro.

De um lado, a semelhança entre os dois personagens, aos olhos de Bergson (2001), pode nos levar à repetição como desvio da vida na direção do que é mecânico, que pode provocar o riso; por outro, leva-nos à intertextualidade que a dialogia bakhtiniana inspirou Kristeva (2012), ou seja, a partir de Bakhtin, esta autora sistematizou o diálogo entre textos, ou a relação que se estabelece entre dois textos: há um texto primeiro que exerce influência na criação de um novo texto. Transpondo para a imagem, teríamos o Amigo da onça original servindo como modelo para o personagem da charge em questão, não só no tocante à semelhança física, mas ao mau-caratismo. Assim, a relação semântica da discrepância entre palavra e imagem é responsável pelo riso.

De modo geral, a crítica bakhtiniana se impõe sobre a intenção educativa bergsoniana. Estas charges são marcadas por uma visão carnavalesca do mundo que, conforme Fiorin (2016, p. 98), “vê tudo numa relatividade alegre”.

Para ser carnavalesca, é preciso que uma obra seja marcada pelo riso, que dessacraliza e relativiza as coisas sérias, as verdades estabelecidas, e que é dirigido aos poderosos, ao que é considerado superior. Nela aliam-se a negação (a zombaria, o motejo, a gozação, a afirmação e a alegria). (FIORIN, 2016, p. 104-105).

A maneira com que a problemática da imigração foi apresentada nesta amostragem de charges torna latente a comicidade mordaz, que irrompe das formulações visuais e nos proporciona a caçoada com os grandes temas.

De natureza carnavalesca, a paródia se circunscreve na própria essência da charge. Em termos peircianos, a paródia é a maneira como o objeto imediato (dentro do signo) representa o objeto dinâmico (fora do signo), que corresponde a fatos que ocorrem na arena política, e o faz seja como deformação e degradação do modelo; seja no desvelar da face oculta da ideologia enquanto instrumento da rebeldia e afirmação criadora.

Importa lembrar que toda essa carga satírica e poder de fogo advêm da concepção de Bakhtin e Volochínov (2006, p. 31), de que todo signo é ideológico. Ora, a charge enquanto signo e produto ideológico que é – “reflete e refrata uma outra realidade que lhe é exterior” –, ou seja, remete para algo que está fora de si mesmo, e possui um significado. Nesse processo de reflexão e refração, o signo pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico.

Verifica-se, portanto, nesta amostragem de charges tradicionais, o signo ideológico se robustecendo na ação da paródia e da carnavalização como principais responsáveis pela irrupção do riso – reação/interpretante – e provoca o destronamento de personagens políticas, a dessacralização, a subversão, o ridículo, a agressão ao poder. O riso que eclode do jogo de espelhos tem o poder de deformar o institucionalizado, destruindo-o, mas, ao mesmo tempo, propondo uma nova realidade.

Passemos agora para as charges representativas da modalidade que focamos nesse artigo, a fim de refletirmos sobre a subversão desse caráter movido à ação-reação inerente às charges tradicionais.

4 A CHARGE ÀS AVESAS: O RISÍVEL EM CHEQUE

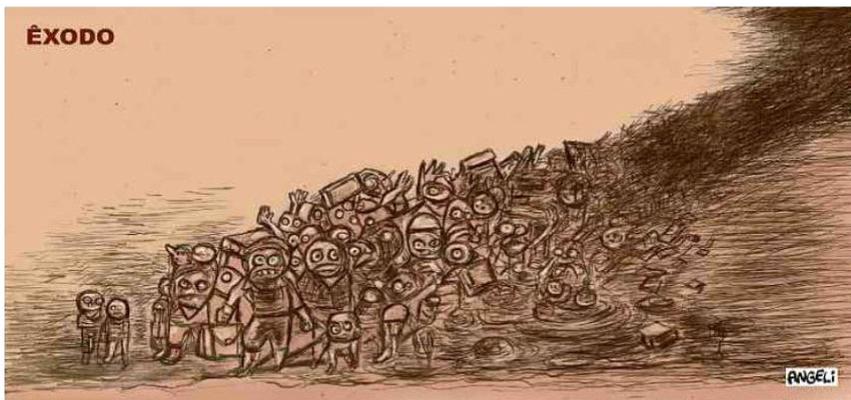
Novamente, a imigração é temática dessa modalidade de charge que subverte a tradição desse gênero. Para Bergson (2001), a insensibilidade é inerente ao riso.

Observemos agora, como sintoma não menos digno de nota, a insensibilidade que naturalmente acompanha o riso. O cômico parece só produzir o seu abalo sob condição de cair na superfície de um espírito tranquilo e bem articulado. A indiferença é o seu ambiente natural. O maior inimigo do riso é a emoção. (BERGSON, 2001, p. 2).

A ruptura com essa característica capital da charge é vislumbrada nas charges que, a seguir, apresentam o risível em cheque. O contexto em que ambas se inserem também diz respeito à saga dos emigrantes da Síria, fugitivos da guerra.

A charge (Fig. 4), monocromática, insinua uma massa, cujas linhas pinceladas em múltiplas direções imprimem o movimento expresso pelo gesto. As pistas são borradas, esmaecidas. Não mais apontam para existentes, são índices degenerados. Eles provocam sensações e incitam o intérprete a fazer conjeturas. Vale ainda ressaltar que, segundo Drigo e Souza (2013), o esmorecimento da indicialidade é que prenuncia o índice degenerado, ou seja, o índice genuíno se dá com a secundidade enquanto relação existencial; e o índice degenerado, com a secundidade como referência.

Figura 4 – A travessia em busca da “liberdade”



Fonte: Folha de S. Paulo (2015).

Ao se aproximar do primeiro plano, a parte inicial dessa massa torna-se figurativa, mas bastante disforme. São figuras mal-acabadas que têm nos globos oculares a marca, ainda que adulterada, de seres humanos amedrontados, esqueléticos, perdidos. Distinguem-se crianças e adultos em meio a malas e outros objetos indiscerníveis. Os que se mantêm em pé estão perfilados como em uma procissão. Há outros, cuja forma proeminente é a circular, que se mantêm ao lado dessa fila e parecem acelerar a chegada.

Esta charge, conforme nomeada, atualiza o Êxodo, a travessia dos hebreus rumo ao Egito, em busca da terra prometida. Ressignificada, é revelada em

seus traços a exaustão dessa caminhada em busca de asilo, agora na Europa. A fila se mostra sem fim, o que nos leva a crer na continuidade desse movimento migratório.

Assim, por apresentar índices degenerados, ao invés de incitar o olhar observacional, a charge resgata a primeiridade que vem acoplada à terceiridade que, como mencionamos, instaura-se quando o intérprete reconhece uma charge. O reconhecimento implica no conhecimento, minimamente, de algumas características dessa modalidade de representação visual, de regras compartilhadas culturalmente que se referem a tal representação. A experiência colateral do intérprete vai permitir que, nessa relação entre terceiridade e primeiridade, a charge como um todo, como uma figura, provoque efeitos. Não mais o riso decorrente do choque, da leitura e reconhecimento das pistas, mas efeitos emocionais que advêm com os efeitos qualitativos, com a articulação de índices degenerados. Na seara da primeiridade, a charge faz emergir conjeturas e provoca inúmeras sensações. Elas provocam inquietação, angústia, medo. Diante da força das águas só resta o abandono.

Outra charge (Fig. 5), que também apresenta índices degenerados, subdivide-se em três blocos: começando pelo fundo, o representado pelas cores azul e branca que se caracterizam, respectivamente, pela profundidade e pela proximidade com o primeiro plano.

Figura 5 – O silêncio que grita



Fonte: Folha de S. Paulo (2015).

Uma linha ondulada faz a divisa com o segundo bloco deste cenário representado pela cor bege-amarelada. O terceiro bloco, mais próximo do primeiro plano, é composto por formas humanas dispostas em um semicírculo. Os olhares dirigidos para baixo estão consternados e convergem para uma mancha no chão. Mancha pequena, silenciosa, mas que evoca, atrai os olhares de compaixão, sem, contudo, acionar qualquer ação. A mudez

homogeneiza a cena. A mancha e os olhares consternados que a contemplam firmam o poder de sugestão da representação visual, que incitam conjecturas. Ambiência de tristeza, impotência, desolação. Seria possível reverter tal situação?

Para um intérprete particular, a forma silenciosa que se desenha na areia da praia pode lembrar a figura singela do menino Aylan Kurdi, criança síria encontrada morta numa praia turca, em três de setembro de 2015, na travessia entre Turquia e Grécia, registrada em imagem que circulou amplamente nas mídias.

A charge – às avessas – não propicia o riso carnavalizado, esrachado, mas também não atua como simples espelho do real, e sim o incorpora ironicamente. O signo ideológico bakhtiniano, que reflete e refrata o real, vem à tona acoplado pelo signo peirciano na sua terceira categoria. A secundidade inerente à charge tradicional, movida à ação/reação, dá lugar à sugestão em detrimento da constatação; abre espaço para a emoção; traça um percurso do índice (secundidade) ao ícone (primeiridade) e desemboca na violação dos padrões do que é risível.

Nas duas charges apresentadas (Fig. 4 e 5), o poder de choque é amenizado e os índices degenerados abrem brechas para a emoção – inimigo primeiro do poder de força da charge – e instauram a subversão da charge. Tais charges poderiam ir ao encontro dos objetos estéticos que propiciariam a efetivação da relação entre estética, ética e semiótica ou lógica, as três ciências normativas propostas por Peirce? Disso, tratamos, de modo breve, no próximo item.

5 O ESTÉTICO NA PERSPECTIVA PEIRCIANA

O predomínio do interpretante emocional, em detrimento do energético, aprofunda a ambiência da emoção, do sentimento, e mostra o contexto da guerra carregado de sofrimento, desigualdade, dor. Essa configuração da charge, que contribui para que qualidades de sentimento se instaurem no intérprete, leva-nos às ciências normativas propostas por Peirce. Em correspondência com as categorias – primeiridade, secundidade e terceiridade –, a estética, a ética e a semiótica ou lógica, respectivamente, materializam as instâncias da emoção, da ação e do pensamento. Essas ciências estão voltadas para a compreensão dos fins, das normas, dos ideais que guiam essas instâncias.

A estética é a ciência dos ideais, ou daquilo que é objetivamente admirável sem qualquer razão ulterior. [...] Ética, ou ciência do certo e errado, a Estética está em seu auxílio na determinação do *summum bonum*. É a teoria da conduta autocontrolada ou deliberada. A Lógica é a teoria do pensamento autocontrolado e deliberado; e como tal, deve buscar na ética seus princípios. [...] Embora todo pensamento se

constitua pelos significados dos signos, a lógica deve ser considerada como a ciência das leis gerais dos signos ponto. (PEIRCE, CP 1.191).

A semiótica ou lógica (terceiridade) acopla a ética (secundidade) e esta, por sua vez, a estética (primeiridade). A estética envolve as ideais que guiam nossas ações; a ética propõe metas de conduta e a semiótica se ocupa do pensamento como atividade deliberada ou autocontrolada, cujo objetivo consiste em discriminar formas corretas e incorretas de raciocínio.

O pensamento, portanto, assim se processa: 1) vivencia uma qualidade de sentimento; 2) experiencia determinada conduta e 3) produz controle crítico deliberado de hábitos e crenças, possibilidades estas vinculadas aos interpretantes emocional, energético e lógico, respectivamente.

Como pensar o humor nesses parâmetros? Os aspectos qualitativos que impregnam essas charges e sugerem o acontecimento, amenizam o choque, rompem com a inquietação, sufocam o riso e diminuem os efeitos de constatação, de identificação. Tais efeitos, acima de tudo, provocam sentimentos.

Essas charges (Fig. 4 e 5) – transgressoras – trazem a temática da imigração, da travessia. Em comum com a charge tradicional há a denúncia social, mas, no segundo caso, o risível é obliterado pelos aspectos qualitativos que geram qualidades de sentimento. Segundo Drigo e Souza (2013), há nos fenômenos – que podem ser desde um pensamento, uma ideia, um fato ou um objeto concreto – certa qualidade de sentimento que, como explica Peirce, é uma talidade que não pode ser confundida com a ocorrência dessa qualidade. O objeto estético seria aquele com potencial para provocar admiração por si só, não por aspectos específicos, mas como algo interessante, bom ou belo, numa perspectiva particular, por ser algo recomendável ao coletivo e com potencial para transformar pensamentos e ações.

Desse modo, tais qualidades de sentimento, como as que são suscitadas pelas duas últimas charges analisadas, podem contribuir para que as reflexões sobre a temática dos imigrantes se corporifiquem. O pensamento do intérprete pode ser conduzido, portanto, por algo admirável, o respeito ao outro, fundado numa ética coletiva que trilha o caminho da libertação para todos os imigrantes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O inusitado de uma modalidade de charge que provoca emoção foi objeto de reflexões neste artigo. Tanto o riso em Bergson que tem na insensibilidade sua essência, quanto o decorrente da carnavalização bakhtiniana que desmascara o poder pela galhofa, não eclodiram.

Tendo a charge tradicional como parâmetro, pudemos verificar, em termos peircianos, a proeminência da secundidade, tanto na natureza do cenário político – objeto dinâmico –, quanto no interpretante dinâmico

energético desencadeador do riso. Procedimentos como paródia, carnava-
lização são responsáveis pelo diálogo com o real e tornam clara a dinâmica
ação/reação que pulsa em cada leitura. A charge figura, desta forma, como
“resposta ao institucionalizado, como maneira de ludibriar, desentronizar,
desautorizar o poder através da sátira e da crítica. É a resposta do agredido
ao agressor usando os mesmos recursos: uma forma de responder ‘mordida
com mordida’” (SOUZA, 1986, p. 13).

O caminho tomado pela modalidade em foco está na contramão do
anteriormente traçado. O jogo de forças intrínseco ao cenário sociopolítico
ainda continua sendo o objeto dinâmico das duas últimas charges anali-
sadas, o que difere é a maneira como o signo estabelece o diálogo com o
mesmo contexto ou objeto. Esta outra configuração ameniza o choque, o
clima áspero de ação e reação introduz uma abordagem mais sugestiva em
detrimento da imediatamente constatável; provoca emoção e não a eclosão
do riso sarcástico. Daí o predomínio do interpretante dinâmico emocional,
o que permite que as qualidades inscritas no signo sejam convertidas pela
consciência em sentimentos de qualidade.

Tais sentimentos, sendo reiterados, podem levar à aquisição de hábitos
de sentimento que dão robustez à estética, de modo a influenciar a ética
e, conseqüentemente, propiciar pensamentos que sejam transformadores.

REFERÊNCIAS

- AMARO, Joaquim Francisco Gonçalves de Brito. *Jogo do humor na busca da
democracia: as charges de Ralfo no período do governo Figueiredo (1979-1985)*.
2015. 157 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual
de Londrina. Londrina, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *A cultura popular na Idade Média e no Renas-
cimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich; VOLOCHÍNOV, Valentin. *Marxismo e filosofia
da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BARROS, Iberê Moreno Rosário de. *Uma narrativa midiaticizada do cotidiano: as
charges de política internacional de Angeli (2001-2012)*. 2015. 95 f. Dissertação
(Mestrado em Processos Comunicacionais) – Universidade Metodista de São
Paulo. São Bernardo do Campo, 2015.
- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. São Paulo:
Martins Fontes, 2001.
- CHEVALIER, Alain, GHEERBRANT, Jean. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos,
costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.
- DRIGO, Maria Ogécia; SOUZA, Luciana Coutinho Pagliarini. *Aulas de semiótica
peirceana*. São Paulo: Annablume, 2013.

- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Contexto, 2016.
- FOLHA DE S. PAULO. *Charges - Setembro de 2015*. 2015. Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/38114-charges-setembro-de-2015>. Acesso em: 16 fev. 2020.
- FÓRMULA GEO. *Charges sobre imigração*. 2012. Disponível em: <http://formulageo.blogspot.com/2012/06/charges-sobre-imigracao.html>. Acesso em: 25 jun. 2018.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à Semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- MESSIAS, Fernanda Targa. *O agronegócio como política agrária nos governos Lula e Dilma nas charges de Carlos Latuff*. 2017. 100 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2017.
- PÁGINA GLOBAL. *Sírios fogem de guerra civil e partem para Europa – Charge do Latuff*. 2015. Disponível em: https://paginaglobal.blogspot.com/2015_09_11_archive.html. Acesso em: 25 jun. 2018.
- PEIRCE, Charles Sanders. The Collected Papers. In: HARTSHORNE, C.; WEISS, P. (ed.). (v. I-VI), 1959; BURTS, A. W. (ed.). (v. VII-VIII), 1958. *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Cambridge: Harvard University Press, 1994. Referenciado como CP, seguido do número do volume, ponto, e número do parágrafo.
- PORTAL VALE. *Charge sobre imigração*. 2015. Disponível em: <https://www.vvale.com.br/charges/charge-imigracao/>. Acesso em: 16 fev. 2020.
- SOUZA, Luciana Coutinho Pagliarini. *Charge política: o poder e a fenda*. 1986. 93 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1986.
- TEIXEIRA, Cristhiano dos Santos. *Nas entrelinhas da Charge: impressões das experiências imaginárias na obra de Henfil (1964-1985)*. 2016. 206 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília. Brasília, 2016.